



Cantiga de esponsais

Dinâmica 8

9º Ano | 3º Bimestre

Professor

DISCIPLINA	ANO	CONCEITOS	OBJETIVO
Língua Portuguesa	9º Ano do Ensino Fundamental	Conto.	Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem os textos narrativos.

DINÂMICA	Cantiga de esponsais.
HABILIDADE PRINCIPAL	H21 – Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem os textos narrativos.
HABILIDADES ASSOCIADAS	H07 – Identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros.
CURRÍCULO MÍNIMO	Reconhecer a importância da crônica e do conto na literatura nacional.

Professor/a, nesta dinâmica você irá desenvolver as seguintes etapas com seus alunos:

ETAPAS	ATIVIDADE	TEMPO ESTIMADO	ORGANIZAÇÃO	REGISTRO
1	Apresentação da dinâmica e leitura do texto.	25 min	Toda a turma.	Coletivo.
2	Análise de textos.	25 min	Grupos de 5 alunos.	Escrito/Oral/Coletivo.
3	Exposição oral dos grupos.	15 min	Toda a turma.	Oral/Coletivo.
4	Sistematização do conteúdo.	25 min	Grupos de 5 alunos.	Escrito/Coletivo.
5	Autoavaliação.	10 min	Individual.	Individual.

Recursos necessários para esta dinâmica:

- Textos geradores.
- Exercícios disponíveis nos materiais do professor e do aluno.

ETAPA 1

APRESENTAÇÃO DA DINÂMICA E LEITURA DO TEXTO



O gênero textual focado nesta dinâmica é o conto. Trata-se de uma narrativa de curta duração em que as ações ocorrem em tempos e espaços mais reduzidos e o número de personagens é menor que no romance. Mas não é necessariamente menor a densidade ou a intensidade que um conto pode atingir. O objetivo a ser alcançado ao longo das etapas da dinâmica é levar o aluno a identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem os textos narrativos. Neste contexto, ele deverá perceber que o conto é um gênero textual que possibilita ao leitor o conhecimento de determinada época em relação aos costumes, à política, à visão de mundo, à cultura etc. do período em que a obra foi produzida.

O texto que vamos estudar é um conto de Machado de Assis.

Sabe quando você possui grande conhecimento sobre determinado assunto, mas não consegue tirar do papel? Esse é o enredo do conto **Cantiga de esponsais**, que conta a história de Romão Pires, um excelente músico de grande caráter moral.

Apesar de ter grandes habilidades no mundo da música, sua maior deficiência é compor. Depois de casar, começa a tentar uma composição que já tem pronta em sua mente, mas não consegue interpretá-la. Sua esposa morre tempos depois, o que faz com que Mestre Romão desista da composição. Até que um dia, quando o protagonista se encontra bastante doente, vê um belo casal na rua e tenta mais uma vez dar vida a sua inspiração. Mas será que dessa vez ele conseguirá chegar até o final? Isso você só saberá se ler o conto Cantiga de esponsais!

Condução da atividade

- *Faça a leitura do texto em voz alta e peça que os alunos acompanhem em seus materiais.*
- *Após a leitura, converse com os alunos, pedindo para que apresentem suas impressões, comentários e dúvidas, de modo a iniciar um debate mais livre sobre o texto, a fim de que possam manifestar-se, dizer o que entenderam ou não.*



Orientação didático – pedagógica

Professor/a,

A dinâmica tem como objetivo principal “Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem os textos narrativos” Com este propósito, mais uma vez, as noções de gêneros textuais devem ser retomadas, de forma que os alunos percebam as peculiaridades de cada gênero.

O texto estudado é de Machado de Assis, muitas vezes considerado por nossos alunos um autor de obras inacessíveis. Então, a aproximação desta leitura através da interpretação da narrativa será primordial para o sucesso do trabalho.



TEXTO

Cantiga de esponsais

Machado de Assis

Imagine a leitora que está em 1813, na igreja do Carmo, ouvindo uma daquelas boas festas antigas, que eram todo o recreio público e toda a arte musical. Sabem que é uma missa cantada; podem imaginar o que seria uma missa cantada daqueles anos

remotos. Não lhe chamo a atenção para os padres e os sacristães, nem para o sermão, nem para os olhos das moças cariocas, que já eram bonitos nesse tempo, nem para as mantilhas das senhoras graves, os calções, as cabeleiras, as sanefas, as luzes, os incensos, nada. Não falo sequer da orquestra, que é excelente; limito-me a mostrar-lhes uma cabeça branca, a cabeça desse velho que rege a orquestra com alma e devoção.

Chama-se Romão Pires; terá sessenta anos, não menos, nasceu no Valongo, ou por esses lados. É bom músico e bom homem; todos os músicos gostam dele. Mestre Romão é o nome familiar; e dizer familiar e público era a mesma coisa em tal matéria e naquele tempo. “Quem rege a missa é mestre Romão” ¶ equivalia a esta outra forma de anúncio, anos depois: “Entra em cena o ator João Caetano”; ¶ ou então: “O ator Martinho cantará uma de suas melhores árias”. Era o tempero certo, o chamariz delicado e popular. Mestre Romão rege a festa! Quem não conhecia mestre Romão, com o seu ar circunspecto, olhos no chão, riso triste e passo demorado? Tudo isso desaparecia à frente da orquestra; então a vida derramava-se por todo o corpo e todos os gestos do mestre; o olhar acendia-se, o riso iluminava-se: era outro. Não que a missa fosse dele; esta, por exemplo, que ele rege agora no Carmo é de José Maurício; mas ele rege-a com o mesmo amor que empregaria, se a missa fosse sua.

Acabou a festa; é como se acabasse um clarão intenso, e deixasse o rosto apenas alumiado da luz ordinária. Ei-lo que desce do coro, apoiado na bengala; vai à sacristia beijar a mão aos padres e aceita um lugar à mesa do jantar. Tudo isso indiferente e calado. Jantou, saiu, caminhou para a Rua da Mãe dos Homens, onde reside, com um preto velho, pai José, que é a sua verdadeira mãe, e que neste momento conversa com uma vizinha.

¶ Mestre Romão lá vem, pai José ¶ disse a vizinha.

¶ Eh! eh! adeus, sinhá, até logo.

Pai José deu um salto, entrou em casa, e esperou o senhor, que daí a pouco entrava com o mesmo ar do costume. A casa não era rica naturalmente; nem alegre. Não tinha o menor vestígio de mulher, velha ou moça, nem passarinhos que cantassem, nem flores, nem cores vivas ou jucundas. Casa sombria e nua. O mais alegre era um cravo, onde o mestre Romão tocava algumas vezes, estudando. Sobre uma cadeira, ao pé, alguns papéis de música; nenhuma dele...

Ah! se mestre Romão pudesse seria um grande compositor. Parece que há duas sortes de vocação, as que têm língua e as que a não têm. As primeiras realizam-se; as últimas representam uma luta constante e estéril entre o impulso interior e a ausência de um modo de comunicação com os homens. Romão era destas. Tinha a vocação íntima da música; trazia dentro de si muitas óperas e missas, um mundo de harmonias novas e originais, que não alcançava exprimir e pôr no papel. Esta era a causa única de tristeza de mestre Romão. Naturalmente o vulgo não atinava com ela; uns diziam isto, outros aquilo: doença, falta de dinheiro, algum desgosto antigo; mas a verdade é esta: – a causa da melancolia de mestre Romão era não poder compor, não possuir o meio de traduzir o que sentia. Não é que não rabiscasse muito papel e não interrogasse o cravo, durante horas; mas tudo lhe saía informe, sem idéia nem harmonia. Nos últimos tempos tinha até vergonha da vizinhança, e não tentava mais nada.

E, entretanto, se pudesse, acabaria ao menos uma certa peça, um canto esponsalício, começado três dias depois de casado, em 1779. A mulher, que tinha então vinte e um anos, e morreu com vinte e três, não era muito bonita, nem pouco, mas

extremamente simpática, e amava-o tanto como ele a ela. Três dias depois de casado, mestre Romão sentiu em si alguma coisa parecida com inspiração. Ideou então o canto esponsalício, e quis compô-lo; mas a inspiração não pôde sair. Como um pássaro que acaba de ser preso, e forceja por transpor as paredes da gaiola, abaixo, acima, impaciente, aterrado, assim batia a inspiração do nosso músico, encerrada nele sem poder sair, sem achar uma porta, nada. Algumas notas chegaram a ligar-se; ele escreveu-as; obra de uma folha de papel, não mais. Teimou no dia seguinte, dez dias depois, vinte vezes durante o tempo de casado. Quando a mulher morreu, ele releu essas primeiras notas conjugais, e ficou ainda mais triste, por não ter podido fixar no papel a sensação de felicidade extinta.

☐ Pai José ☐ disse ele ao entrar ☐, sinto-me hoje adoentado.

☐ Sinhô comeu alguma coisa que fez mal...

☐ Não; já de manhã não estava bom. Vai à botica...

O boticário mandou alguma coisa, que ele tomou à noite; no dia seguinte mestre Romão não se sentia melhor. E preciso dizer que ele padecia do coração: ☐ moléstia grave e crônica. Pai José ficou aterrado, quando viu que o incômodo não cedera ao remédio, nem ao repouso, e quis chamar o médico.

☐ Para quê? – disse o mestre. ☐ Isto passa.

O dia não acabou pior; e a noite suportou-a ele bem, não assim o preto, que mal pôde dormir duas horas. A vizinhança apenas soube do incômodo, não quis outro motivo de palestra; os que entretinham relações com o mestre foram visitá-lo. E diziam-lhe que não era nada, que eram macacoas do tempo; um acrescentava graciosamente que era manha, para fugir aos capotes que o boticário lhe dava no gamão ☐ outro, que eram amores. Mestre Romão sorria, mas consigo mesmo dizia que era o final.

“Está acabado”, pensava ele.

Um dia de manhã, cinco depois da festa, o médico achou-o realmente mal; e foi isso o que ele lhe viu na fisionomia por trás das palavras enganadoras:

☐ Isto não é nada; é preciso não pensar em músicas...

Em músicas! justamente esta palavra do médico deu ao mestre um pensamento. Logo que ficou só, com o escravo, abriu a gaveta onde guardava desde 1779 o canto esponsalício começado. Releu essas notas arrancadas a custo, e não concluídas. E então teve uma idéia singular: ☐ rematar a obra agora, fosse como fosse; qualquer coisa servia, uma vez que deixasse um pouco de alma na terra.

☐ Quem sabe? Em 1880, talvez se toque isto, e se conte que um mestre Romão...

O princípio do canto rematava em um certo *lá*; este *lá*, que lhe caía bem no lugar, era a nota derradeiramente escrita. Mestre Romão ordenou que lhe levassem o cravo para a sala do fundo, que dava para o quintal: era-lhe preciso ar. Pela janela viu na janela dos fundos de outra casa dois casadinhos de oito dias, debruçados, com os braços por cima dos ombros, e duas mãos presas. Mestre Romão sorriu com tristeza.

☐ Aqueles chegam ☐ disse ele ☐, eu saio. Comporei ao menos este canto que eles poderão tocar...

Sentou-se ao cravo; reproduziu as notas e chegou ao *lá*...

☞ *Lá, lá, lá...*

Nada, não passava adiante. E, contudo, ele sabia música como gente.

Lá, dó... lá, mi... lá, si, dó, ré... ré... ré...

Impossível! nenhuma inspiração. Não exigia uma peça profundamente original, mas enfim alguma coisa, que não fosse de outro e se ligasse ao pensamento começado. Voltava ao princípio, repetia as notas, buscava reaver um retalho da sensação extinta, lembrava-se da mulher, dos primeiros tempos. Para completar a ilusão, deitava os olhos pela janela para o lado dos casadinhos. Estes continuavam ali, com as mãos presas e os braços passados nos ombros um do outro; a diferença é que se miravam agora, em vez de olhar para baixo: Mestre Romão, ofegante da moléstia e de impaciência, tornava ao cravo; mas a vista do casal não lhe supria a inspiração, e as notas seguintes não soavam.

☞ *Lá... lá... lá...*

Desesperado, deixou o cravo, pegou do papel escrito e rasgou-o. Nesse momento, a moça embebida no olhar do marido começou a cantarolar à toa, inconscientemente, uma coisa nunca antes cantada nem sabida, na qual coisa um certo *lá* trazia após si uma linda frase musical, justamente a que mestre Romão procurara durante anos sem achar nunca. O mestre ouviu-a com tristeza, abanou a cabeça, e à noite expirou.

Disponível em: http://www.releituras.com/machadodeassis_cantiga.asp. Acesso em: 21 abr. 2013.

VOCABULÁRIO	
ÁRIAS	melodias.
BOTICÁRIO	farmacêutico.
 CRAVO	instrumento musical semelhante ao piano.
ESPONSAIS	celebração do casamento.
ESTÉRIL	improdutivo.
EXPIROU	morreu.
MACACOAS	doença de pouca importância.
SANEFAS	tiras de tecido que se estendem sobre a cortina.

A evolução do conto brasileiro

“Os cem melhores contos brasileiros do século” é um livro que compila obras que são referência deste gênero textual. Os contos estão organizados em ordem cronológica e, a cada etapa, encontramos um breve relato sobre as peculiaridades do gênero durante aquele período.

De 1900 aos anos 30

Entre o passado triste e rural e o futuro vertiginoso que não chegou, o presente das primeiras décadas do século 20 explora linguagens diversas. São décadas em que ainda não existe uma linguagem brasileira padrão. Por isso, os contistas experimentam os mais variados estilos — desde os estrangeirismos aos regionalismos gaúcho e paulista, passando pelo insuperável Machado de Assis.

Anos 40/50

Em torno da primeira metade do século, nossos escritores estão mais maduros. Escrevem numa língua que também amadureceu, está mais uniforme e representativa daquela usada no cotidiano pelos brasileiros educados, de qualquer lugar do país. O passado rural começa a desaparecer efetivamente, tornando-se objeto mais de nostalgia do que rejeição. As relações afetivas passam a construir a verdadeira utopia do brasileiro. Descompassos na família. Saudades. Lirismos. Essa época revela alguns dos mais belos clássicos do conto brasileiro.

Anos 60

Se o clima dos anos 60 foi de revolução em todos os quadrantes do mundo e dimensões da vida, devemos incluir aí a tremenda explosão de qualidade no campo da ficção curta brasileira. Clarice Lispector e Rubem Fonseca deixam modelos narrativos que irão influenciar todas as gerações seguintes de escritores. Os contos dos anos 60 falam de nossa contemporaneidade, quase sempre urbana e agitada por conflitos psicológicos e sociais.

Anos 70

Os anos 70 marcam um momento de apogeu do conto no Brasil, depois do salto de qualidade na década anterior. Intensificam-se ímpetus revolucionários e dilaceramentos pessoais. O conto afirma-se como instrumento adequado para expressar artisticamente o ritmo nervoso e convulsivo desta década passional. Entra na moda um novo retrato de escritor, o “cronista mineiro”, descendente legítimo das gerações de Carlos Drummond, Fernando Sabino e Otto Lara Rezende.

Anos 80

Forças liberadas desde os anos 60 encontram aqui seu momento paradoxal de clímax e crise. A geração que fez a revolução sexual agora coloca no papel suas histórias. Explode o erotismo feminino. As grandes metrópoles fornecem cenários para as aventuras do corpo. As trocas sociais, no contexto totalmente urbanizado e erotizado, são roteirizadas pela cultura da mídia, cuja língua internacional é o inglês.

Anos 90

Os anos 90 descartam o baixo astral e inventam um fim de século rico de imagens e criatividade. É uma década de estranhos e intrusos na festa da cultura. Na época que celebra a diferença, nossos contistas produzem alegorias do híbrido. Combinam o humano ao animal, exploram a fusão com o tecnológico. Pelo que deixa entrever a arte de nossos melhores contistas atuais, parece que no futuro próximo vamos viver num país mais heterogêneo, mais plural. A diversidade de estilos aponta para um período de transição, como aconteceu no final do século passado.



ETAPA 2

ANÁLISE DOS TEXTOS



Nesta Etapa, faremos uma interpretação do texto lido e vamos nos dedicar especificamente às características do gênero estudado nesta dinâmica: o conto. Forme grupos de 5 alunos para realização das atividades e escolham um colega para ser o relator das respostas na próxima Etapa.

As questões a seguir devem ser lidas com atenção pelo grupo, que deve discutir e tentar chegar a uma resposta comum. Essa resposta será registrada em seu material individual.

Condução da atividade

- *Oriente os alunos para que formem grupos de 5 componentes e escolham um colega para ser o relator das respostas na próxima Etapa.*
- *Solicite que leiam as questões e discutam em grupo antes de redigir as respostas.*
- *Oriente para que eles registrem as respostas individualmente em seu caderno de exercícios.*

- *Circule pelos grupos, observando o encaminhamento das discussões e se há dúvidas sobre a formulação das questões que possam ser solucionadas por você.*



Orientação didático - pedagógica

Professor/a,

Nesta dinâmica, utilizaremos um texto de Machado de Assis como ponto de partida para nosso estudo sobre o conto.

“Cantiga de esponsais” é um conto no qual Machado utiliza uma fina ironia para abordar a problemática entre a técnica e a inspiração na arte. O personagem principal, Mestre Romão, tem a técnica e rege a orquestra com maestria, mas não tem inspiração para compor uma simples cantiga de esponsais. A busca da perfeição marca a personalidade do protagonista, que não se contenta em ser apenas um intérprete. A falta de inspiração de Romão é geradora do conflito nesta narrativa Machadiana.

É possível perceber que a ambientação do conto está relacionada com o estado de espírito do personagem. No início da narrativa, enquanto rege na igreja, o maestro é confiante e feliz. Essa aura se desfaz no momento em que ele termina seu trabalho e volta para casa, um lugar triste e solitário.

A análise deste conto deve permitir aos alunos a percepção de que mesmo um texto antigo pode trazer à tona questões universais; para isso, suas orientações no momento da interpretação serão fundamentais.



ATIVIDADE

1. Qual a situação inicial do texto? Onde ela acontece?

2. Existe um contraste no comportamento da personagem principal, que ora se mostra alegre e satisfeito, ora preocupado e triste. Relacione este contraste com os ambientes onde ele ocorre.

3. Qual o conflito gerador do enredo?

4. Em alguns momentos da narrativa, o narrador se dirige ao leitor. Retire do texto exemplos que confirmem esta afirmativa.

5. O autor compara a inspiração a um pássaro engaiolado. Explique com suas palavras esta comparação.

6. Quem consegue externar a melodia que mestre Romão tentou compor por toda vida?

7. Além do remédio, o boticário aconselha que Romão não “pense em músicas”. Explique o motivo desta recomendação.

8. O que acontece no final do conto?

1. *Uma missa cantada na Igreja do Carmo.*
2. *Quando rege a orquestra está feliz, mas quando está em casa comendo fica triste.*
3. *A tentativa de Mestre Romão de compor uma cantiga.*
4. *“Imagine a leitora que está em 1813”; “Não lhe chamo a atenção para os padres e os sacristães”.*
5. *Resposta pessoal.*
6. *Uma moça que passava na rua cantarolando.*
7. *Resposta pessoal.*
8. *Após perceber sua incapacidade de compor, ele morre.*



Caleidoscópico

O conto: uma narrativa

Nádia Battela Gotlib (Fragmento)

Toda narrativa apresenta uma sucessão de acontecimentos: há sempre algo a se narrar, algo de interesse humano, de nós, para nós, acerca de nós, pois é em relação ao projeto humano que os acontecimentos tomam significação e se organizam em uma série temporal estruturada. No entanto, há vários modos de se construir esta “unidade de uma mesma ação”. O conto representa uma das possibilidades desta construção.

O contar (do latim computare) uma história, em princípio, oralmente, evolui para o registrar as histórias, por escrito. Mas o contar não é simplesmente um relatar acontecimentos ou ações. O conto não se refere só ao acontecido. Não tem compromisso com o evento real. Nele, realidade e ficção não têm limites precisos. Um relato, copia-se; um conto inventa-se. A esta altura, não importa averiguar se há verdade ou falsidade: o que existe é já ficção, a arte de inventar um modo de se representar algo. Há, naturalmente, graus de proximidade ou afastamento do real. Há textos que têm intenção de registrar com mais fidelidade a nossa realidade. Mas não é tão simples assim. Trata-se de registrar qual realidade nossa? A nossa cotidiana, do dia a dia? Ou a nossa fantasiada?

Há, pois, diferença entre um simples relato, que pode ser um documento, e a literatura. Tal como o tamanho, literatura não é documento. É literatura. Tal qual o conto, pois. O conto é literário.

GOTLIB, Nádia Battela. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 1987.



ETAPA 3

EXPOSIÇÃO ORAL DOS GRUPOS



Agora chegou o momento de os grupos compartilharem suas respostas. Cada grupo deve prestar atenção às apresentações dos outros, comparando respostas e comentando. Caso haja alguma discordância, o grupo deverá comentar com os colegas e o professor.

Condução da atividade

- Solicite que o primeiro grupo leia a resposta da Questão 1, o grupo ao lado da Questão 2 e assim sucessivamente.
- Oriente os alunos a prestarem atenção ao que os relatores expuserem e, em caso de divergência, que eles leiam a própria resposta ou argumentem com os colegas.
- Faça intervenções caso haja alguma resposta errada e nenhum aluno intervier, mostrando ao grupo por que aquela não seria uma boa solução.



Orientação didático - pedagógica

Professor/a,

Lembre-se de aproveitar esse momento para desenvolver a capacidade de expressão oral dos seus alunos. Eles precisam se sentir à vontade para apresentar suas conclusões para a turma, entendendo que posicionamentos devem ser o resultado de argumentos e que errar faz parte do processo de crescimento.



ETAPA 4

SISTEMATIZAÇÃO DO CONTEÚDO



Nesta etapa, você vai se familiarizar com a estrutura do gênero textual em estudo: o conto. Para isso, é necessário prestar atenção ao que seu professor vai explicar para toda turma. Se você julgar necessário fazer anotações, não perca tempo, vá anotando no quadro a seguir as informações que lhe serão passadas.

O conto é um texto narrativo que se caracteriza, entre outros aspectos, por sua brevidade. É um tipo de narração relativamente moderna: aparece em meados do século passado. A brevidade do conto (de umas poucas linhas até trinta ou quarenta páginas) limita todos os elementos que compõem a narração. Por isso, ele costuma apresentar um único conflito, poucos personagens, espaço temporal e ambientes reduzidos.

Como em toda narração, nos contos relata-se uma série de fatos relacionados entre si. A relação que se estabelece entre uma série de fatos se denomina sequência. Nas narrações, a sequência predominante é cronológica (temporal) e lógica (de causa e efeito). As sequências típicas de um conto podem se resumir em três momentos: uma situação inicial ou introdução, um conflito, ou complicação e uma resolução ou desenlace.

Assim temos:

Situação inicial

Em geral, apresenta o lugar, o tempo e os participantes. Aqui temos uma visão ampla do que vai se revelar no desenvolvimento da história.

Conflito

É o que define o conto como tal. Podem se estabelecer três tipos básicos de conflito: o personagem humano se enfrenta com uma força humana (outros homens), com uma força não humana (animais, natureza) ou com uma força interior (consigo mesmo). O conflito cria uma situação de tensão que domina toda a narrativa e prende a atenção do leitor até o desfecho.

Desfecho

Tende a ser breve. Cumpre a função de encerrar (de forma definitiva ou provisória) o conflito. Pode reestabelecer o equilíbrio inicial ou criar uma nova situação que põe fim a esse conflito de maneira favorável ou desfavorável.

Quanto ao foco narrativo, temos:

Autor

Quem cria e escreve as narrativas.

Narrador

É a voz adotada pelo autor para contar os acontecimentos. Ao escrever um conto, o autor narra os acontecimentos a partir de uma determinada perspectiva, de um ponto de vista. Este ponto de vista escolhido é o que chamamos de foco narrativo.

A escolha do foco narrativo determina o tipo de narrador que teremos na narrativa, isto é, a voz que contará a história.

Existem dois tipos de foco narrativo.

- *Em primeira pessoa: quando a narrativa é contada pela voz de um narrador que participa da história, isto é, um narrador-personagem.*
- *Em terceira pessoa: quando a história é contada pela voz de um narrador que não participa dos acontecimentos, ou seja, um narrador-observador.*



ETAPA 5

AUTOAVALIAÇÃO



QUESTÃO DO SAERJINHO

Nesta Etapa, é hora de trabalhar sozinho. Leia com atenção o texto e o enunciado da questão, a fim de escolher a melhor resposta. Preste atenção na resposta comentada do professor e verifique se você chegou às mesmas conclusões.

Leia o texto.

História do Mapinguari

Dizem que no baixo Purus um seringueiro saiu para cortar seringa e não voltou.

No dia seguinte, o seringalista reuniu várias pessoas e saiu à procura do dito seringueiro. Não encontraram um vestígio. À tarde, quando vinham de volta, dois rapazes resolveram dar uma busca onde ainda não haviam andado. Subiram numa terra alta e lá escutaram um grito longe. Veio se aproximando cada vez mais. Como acharam o grito um tanto estranho, calaram-se e logo subiram numa árvore.

Certo é que Mapinguari passou bem perto deles, levando os restos mortais do seringueiro. Cada grito do bicho era uma dentada que dava no cadáver.

Quando o monstro já ia bem distante, eles então desceram e deram no pé.

QUESTÃO

Essa narrativa teve início quando

- a. os rapazes começaram a busca.
- b. o animal passou bem perto dos rapazes.
- c. **o seringueiro saiu para o trabalho.**
- d. o Mapinguari matou o seringueiro.

A narrativa apresentada tem seu início quando o seringueiro saiu para o trabalho. Podemos confirmar esta informação na primeira linha do texto. A partir deste fato, a saída do seringueiro para o trabalho, é que ocorrem todos os outros fatos descritos nas demais opções. Assim, a alternativa correta é a letra C.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GOTLIB, Nádya Battela. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 1987.
- MORICONI, Italo (org.). **Os cem melhores contos brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

SITES CONSULTADOS

- http://www.releituras.com/machadodeassis_cantiga.asp
- <http://www.literaturaemfoco.com/?p=3>